

---

# EDUCAÇÃO MÉDICA NA FACULDADE DE MEDICINA DE CAMPOS

Jair Araujo Junior<sup>1</sup>

Palavras-chave: Educação médica; Escolas médicas – história.

---

## INTRODUÇÃO

Documentar, no *Caderno de Educação Médica da Abem*, a educação médica na Faculdade de Medicina de Campos no contexto das ações desenvolvidas no Estado do Rio de Janeiro é missão difícil para um docente dessa escola, ex-aluno, ex-diretor e atual responsável pela Fundação Benedito Pereira Nunes, sua mantenedora. Portanto, não é fácil desvincular sua visão carregada de subjetividade e emoções, desenvolvidas nos últimos 36 anos de convivência diuturna, de uma pretensa neutralidade que a situação exige. Neste sentido, o gentil convite feito pelo professor João José Neves Marins, editor dos *Cadernos*, a quem manifestamos de imediato nosso agradecimento, nos honrou e desafiou a compatibilizar fidelidade na descrição histórica à interpretação do significado pessoal que possam interessar ao grupo seletivo de leitores desta publicação.

A importância dos 200 anos de educação médica no Estado do Rio de Janeiro, completos de forma pioneira pelo Curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro neste ano de 2008, com a participação, até o momento, de mais 14 outros cursos, enfrenta o desafio de formar, conforme preceituam as Diretrizes Curriculares estabelecidas pelo MEC, em 2001, “médico, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Capacitado a atuar pautado em princípios éticos, no processo de saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como

promotor da saúde integral do ser humano”. Este ambicioso, mas necessário, perfil profissional representa a necessidade contemporânea a ser suprida pelo médico, tendo como foco permanente as necessidades de saúde da população.

Constatar se o egresso da Faculdade de Medicina de Campos está cumprindo aquela missão é tarefa avaliativa desta mesma sociedade, por meio de processos ou episódios isolados de avaliação, formal ou não, oficial ou popular. Esta avaliação deve ser permanentemente buscada como fonte de orientação para mudanças no aperfeiçoamento do processo de formação a que são submetidos nossos alunos. A nós, unidades e profissionais formadores, cumpre desenvolver da melhor forma possível o papel que nos cabe de facilitadores no processo de formação do médico, que não se esgota na graduação, mas que busca, nesta etapa, a base sólida a ser desenvolvida no exercício profissional por toda a vida.

Que processo, histórico e pré-histórico, desenvolveu a identidade que a Faculdade de Medicina de Campos ostenta aos 40 anos de existência? Como se caracteriza sua gestão, com seus atores, instâncias e responsabilidades, em sua sustentação e evolução? Como vem sendo constituído seu corpo docente e como este indispensável segmento é capacitado, valorizado e desempenha suas atividades? Que estrutura física, de recursos laboratoriais e de informação, além de que cenários dispõe para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem? Que modelo pedagógico adota e como chegou a este momento? Quem é o aluno que entra, permanece durante seis anos e busca exercer a profissão médica após esse período? São essas algumas das perguntas que nos

---

<sup>1</sup>Professor, ex-aluno e ex-Diretor da Faculdade de Medicina de Campos.

afligem a cada momento e sobre as quais buscaremos oferecer informes para que cada um possa respondê-las segundo seu juízo pessoal.

## IDENTIDADE INSTITUCIONAL

A data de 14 de outubro de 1967 é o marco inaugural da Faculdade de Medicina de Campos, com seu curso médico de graduação. Mediante resolução tomada pela Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia, por proposta do dr. Almeida Gusmão, na sessão de 9 de novembro de 1964, de fundar em Campos uma Faculdade de Medicina, a Fundação Benedito Pereira Nunes, como entidade mantenedora, iniciou em outubro de 1966 as obras necessárias à sua implantação. Isto para atender à forte demanda comunitária, para que tivéssemos uma escola que formasse médicos de acordo com as necessidades sociais e que contemplasse um contingente grande de jovens universitários que tinham que se deslocar para os grandes centros à procura de formação profissional.

Estudos desenvolvidos pelo professor José Roberto Ferreira, na Organização Pan-Americana de Saúde, respaldavam aquela realidade com o diagnóstico de que Campos, no Norte Fluminense e Londrina, no Paraná, eram as duas únicas cidades no Sul e Sudeste que, por suas singularidades geográficas e culturais, comportavam a criação, à época, de novas escolas médicas. Apesar de planejada para funcionar a partir de 1968, a escola teve que acelerar suas obras para, atendendo às contingências daquele momento universitário brasileiro, ser inaugurada em 14 de outubro de 1967, pondo à prova a capacidade de trabalho, rapidez e organização de seus fundadores. Essa capacidade nos sentimos orgulhosos e gratos em reconhecer ao enunciar seus nomes: os médicos Plínio Bacelar da Silva, presidente da Comissão de implantação; Geraldo da Silva Venâncio, presidente da Fundação Benedito Pereira Nunes; Osvaldo da Costa Cardoso de Melo; Wilson Paes; Décio Lobo de Azevedo; Luiz Carlos Mendonça da Silva; Almeida Gusmão; Honor de Lemos Sobral; os advogados Nilson Lobo de Azevedo e Josepha de São Paulo Meireles, além do jornalista Latour Arueira.

Não é difícil perceber que a pluralidade profissional de seus fundadores, associada ao berço institucional representado pela hoje mais que octogenária Associação (Sociedade) Fluminense de Medicina e Cirurgia, gravou a vocação comunitária e participativa no destino a ser per-

corrido por essa escola médica. Seu traço filantrópico e não lucrativo, tendo como finalidade primeira o trabalho em benefício da saúde da população, principalmente a mais carente, decorre da trajetória da Fundação Benedito Pereira Nunes, sua mantenedora.

Desde sua criação, em 6 de dezembro de 1934, a Fundação se responsabilizou pela Policlínica e Maternidade de Campos. A partir de 20 de setembro de 1946, passa a manter o Hospital Infantil, conservando-se em sua atividade assistencial, sempre voltada para as necessidades sociais. Em 7 de dezembro de 1962, assume a nomenclatura atual, incluindo entre suas finalidades as prerrogativas de criar, instalar e manter estabelecimentos de ensino médico e paramédico e institutos científicos. Os edifícios ocupados até então por aquelas unidades hospitalares e assistenciais passaram a sediar a Faculdade de Medicina de Campos. Em 1º de outubro de 1979, a Fundação Benedito Pereira Nunes incorporou, por generoso gesto da então Diretoria, liderada pela dra. Josefa São Paulo de Meireles, o patrimônio da extinta Liga Campista e Norte-Fluminense de Combate ao Câncer, e com ela o inacabado Hospital Álvaro Alvim, que hoje funciona de forma plena como hospital-escola, certificado como de ensino pelos Ministérios da Educação e Saúde.

Logicamente, a caracterização como escola médica não foi fácil. Ela está localizada na região norte do Estado do Rio de Janeiro, no município de Campos dos Goytacazes, a cerca de 300 quilômetros das capitais, Rio de Janeiro e Vitória, com população em torno de 300 mil habitantes e uma economia baseada na monocultura do açúcar. Existia na cidade um claro movimento no sentido de criar diferentes instituições de ensino superior, de diferentes origens – públicas ou privadas –, mas com o compromisso de engrossar o caldo de cultura universitária com que os anos 1960 demandavam contrapor os tempos de exceção política ao regime democrático. Nossos fundadores empreenderam uma grande peregrinação nacional em busca de modelos acadêmicos para formação médica, confluindo para dois cursos que, pela qualidade, tradição e inserção em nosso Estado, propiciariam um salutar intercâmbio de pessoas e idéias. A Faculdade Nacional de Medicina da então Universidade do Brasil e a Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense foram a matriz final de currículos e pessoas buscadas como diretriz para os nossos primeiros passos.

Associaram-se ainda ao projeto médicos de notável experiência assistencial e inata vocação docente, oriunda de centros de excelência assistencial e de formação pós-graduada, como o Hospital dos Servidores do Estado e o Hospital dos Acidentados, além de talentos médicos que desenvolveram suas vidas profissionais em nosso município sem perder de vista a relação com seus pares de especialidade, em nível nacional e internacional. Foi daí que surgiram professores notáveis e generosos que, com imenso sacrifício pessoal, aqui compareciam – e alguns até hoje comparecem semanalmente – para oferecer sua experiência e principalmente o modelo de conduta a ser seguido por essa recém-nascida escola médica e por seus sucessores.

A referência aos nomes dos ex-titulares serve como exemplo concreto e como grata lembrança pelo muito que representaram e sempre representarão para a nossa comunidade acadêmica. São eles: Anatomia: Rogério Benevento, Ronald Nyr Alonso da Costa e Maurício Moscovici; Biologia e histologia: Bruno Alípio Lobo e George Bittencourt Doyle Maya; Bioquímica e biofísica: Mauro Operti, Lafayette Rodrigues Pereira e Paulo Travassos Filho; Higiene e medicina preventiva e do trabalho: José Rodrigues Coura, Airton Clausem, Délio Câmara da Costa Alemão, Renato Moretto e Nedílson Lariú; Estudo dos problemas brasileiros: Paulo de Oliveira Rodrigues; Fisiologia e farmacologia terapêutica e experimental: Lauro Sollero; Psicologia médica: Paulo Sérgio Lima e Silva e Hugo Nunes de Carvalho; Anatomia e fisiologia patológicas: José Maria Pinto Barcellos e Honor Sobral; Parasitologia: José Otílio Leite Machado; Microbiologia e imunologia: Nénton Pinto Fernandes Távora; Semiologia e clínica médica: Yussef Bedram; Anestesiologia: Antônio Pedro Serrão; Clínica cirúrgica: Guilherme Eurico Bastos da Cunha, Geraldo da Silva Venâncio, Edson Batista e Renan Catarina Tinoco; Clínica ortopédica e traumatológica: Hervé Linhares Machado; Clínica urológica: Nilton Vehnovitsky; Clínica otorrinolaringológica: Osvaldo Luiz Cardoso de Melo e Luis Rogério Pires de Melo; Clínica oftalmológica: Osvaldo da Costa Cardoso de Melo; Clínica ginecológica: Jean Claude Nahoum; Clínica obstétrica: Paulo Belfort Aguiar e Luiz Carlos Mendonça da Silva; Clínica pediátrica: Alberto Amim; Clínica psiquiátrica: Glauco Otávio Prunes; Medicina legal e deontologia: Everton Paes da Cunha; Clínica radiológica: Miguel Calil Issa; Clínica tisiopneumológica: Décio Lobo de Azeve-

do; Clínica dermatológica: Osvaldo Serra e Luiz Augusto Nunes Teixeira; Clínica de doenças infecciosas e parasitárias: Norton de Figueiredo e Walter Tavares; Educação física: Fernando Frisch Duncan.

As disciplinas acima listadas constituíram nossa primeira grade curricular, segmentada em dois grandes ciclos – básico e profissional –, como se organizavam todos os principais currículos contemporâneos a nossa criação. Criaram-se os laboratórios para o ciclo básico já com características multidisciplinares – Histologia com patologia; Microbiologia com parasitologia; Fisiologia com farmacologia; e Bioquímica com biofísica –, otimizando recursos, espaço e, principalmente, promovendo integração entre os afins.

O desafio do ciclo profissional se avizinhava. Um hospital-escola único, de dimensões e recursos suficientes para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa clínica aplicada e da extensão era o paradigma que se exigia. No entanto, as possibilidades locais, associadas à vocação empreendedora pelo novo, e o grande espírito comunitário que nos aliava aos hospitais comunitários e filantrópicos acabaram transformando essas unidades no cenário ideal, em que se reuniam as excelências da assistência prestada aos mais carentes com o insumo da ciência médica aplicada ao ensino dos nossos futuros médicos. Não contávamos com o perfil de alta frequência de doenças raras, tão comuns nos hospitais universitários pela seleção de referência por que passam, mas, sim, com a imensa maioria do que hoje denominamos principais necessidades de saúde da população, a doença que necessita tratamento hospitalar.

Outra boa oportunidade surgida no início da nossa trajetória, nos anos 1970, foi o desenvolvimento, sob a liderança do inquieto e brilhante Renato Moretto, das pioneiras ações de integração docentes e assistenciais, hospitalares e ambulatoriais, ampliando e interiorizando inicialmente a atenção à saúde materno-infantil, representadas pelo Programa Materno Infantil de Campos (Promaicam) e pelo Projeto de Atenção Integral à Saúde (Pais), realizados com o apoio do Hospital dos Plantadores de Cana, com sua rede de ambulatórios rurais. Contamos ainda com o apoio logístico da Prefeitura Municipal de Campos, da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro e do Grupo Othon Bezerra, além do apoio técnico da Organização Pan-Americana de Saúde e financeiro da Fundação W. K. Kellogg.

Nos últimos dez anos, agregamos uma pós-graduação em áreas estratégicas, como Ensino médico, Morfologia, Pediatria, Obstetrícia, Saúde da família, Geriatria e gerontologia, Análises clínicas e Farmacologia, entre outras. Estes cursos contaram com a forte diretriz inicial de que se ministrassem no mínimo 180 horas-aula de conteúdos conexos a didática, pedagogia, métodos científico e de pesquisa aos docentes formados na experiência empírica da prática, a fim de que pudessem contar com embasamento teórico para a importante vocação que seu excelente exercício profissional sempre comprovou. Foi criado o curso de graduação em Farmácia, que, aos cinco anos de existência, começa a se afirmar como de excelência, de modo coerente com as possibilidades institucionais e as Diretrizes Curriculares oficiais.

Todas estas e muitas outras situações configuraram o perfil de escola médica comunitária que a jovem tradição de que somos portadores estabeleceu.

Hoje, após completar 40 anos, a Faculdade de Medicina de Campos, fiel às suas origens, conta com o respeito e o bom conceito local e nacional, tendo formado 2.971 alunos em 36 turmas e contando atualmente com 561 alunos, distribuídos por seis séries da graduação. Possui em seu quadro efetivo, regidos por Planos de Cargos, Carreiras e Salários voltados à valorização e ao incentivo à capacitação e ao desempenho, 127 docentes, em sua maioria ex-alunos, e 82 funcionários técnico-administrativos que, de forma preponderante, associam longo tempo de exercício com um compromisso institucional exacerbado, buscando o constante desenvolvimento desta escola médica. Conta, ainda, com profissionais da área da saúde que colaboram em atividades assistenciais para a integração ensino-serviço, indispensável à formação de nossos alunos. Estamos sob a responsabilidade de uma eficiente Diretoria, liderada pelo professor e ex-aluno Nélio Artiles Freitas, que exercita de forma própria e abnegada a árdua missão de honrar nossas tradições e avançar em direção ao desenvolvimento da excelência na educação médica de qualidade, objetivo final de todos.

## GESTÃO

A gestão da Faculdade de Medicina de Campos se desenvolveu segundo um processo que acompanhou – e em alguns momentos precedeu – a evolução e as necessidades contemporâneas ao seu desenvolvimento. As

relações diretas, harmônicas e convergentes com a Fundação Benedito Pereira Nunes, sua mantenedora, nunca impediram que seus diretores cumprissem a responsabilidade plena pelos aspectos acadêmicos e administrativos inerentes às suas atividades educacionais.

À Fundação compete a responsabilidade jurídica final, zelando pelo controle geral, administrativo, jurídico, financeiro, contábil, patrimonial e filantrópico na atenção e apoio aos mais carentes, submetendo-se fundamentalmente ao controle social exercido desde o seu início por seu Conselho Supremo, exercido pelos principais titulares dos seguintes poderes, instituições ou entidades do município de Campos dos Goytacazes: Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia; Prefeitura Municipal; Câmara Municipal; Fórum da Comarca; Santa Casa de Misericórdia; Sociedade Portuguesa de Beneficência; Associação Fluminense dos Plantadores de Cana; Faculdade de Medicina de Campos; Diretório Acadêmico Luiz Sobral; Sindicato dos Médicos; Associação de Imprensa; Associação Comercial e Industrial; Fundação Cultural; Fundação de Desenvolvimento do Norte Fluminense; Fundação Rural; Faculdade de Filosofia; Faculdade de Odontologia; Faculdade de Direito; Faculdade Cândido Mendes; Clubes de Serviço – Rotary (4) e Lions (4); Câmara Júnior; Clube dos Médicos; Associação dos ex-Alunos; Associação dos Docentes; e Conselho Municipal de Saúde. Essa configuração garante a sua caracterização estatutária de instituição de direito privado e domínio público, sem fins lucrativos. A real proprietária da Fundação e, por extensão, da Faculdade de Medicina de Campos é a comunidade campista, que a instituiu e acompanha, de forma totalmente responsável por sua condução e destinos.

A Fundação é dirigida por uma Diretoria, eleita por três anos, juntamente com um Conselho Curador. Não é concedida remuneração a seus membros, sendo esta atividade considerada *múnus público*. Seus presidentes, desde a criação da Faculdade de Medicina, foram os seguintes: Geraldo da Silva Venâncio (1966-91); Elpídio Manhães (1991-94); Nilson Bastos Guitton (1994); Makhoul Moussalem (1994-97); Marcos Bruno (1997-2000); Wilson Paes (2000-05); Jair Araujo Junior (2005 até os dias de hoje). É fácil observar que em seus 40 anos de existência a Faculdade conviveu com poucos e abnegados presidentes de sua mantenedora. Sem demérito para os demais, deve se destacar a gestão de Geraldo da Silva Ve-

nância, que, por 25 anos à frente da Fundação, implantou e manteve a Faculdade, cooperando de forma harmônica e construtiva com todos os diretores dessa escola médica, em um período em que consolidou sua jovem reputação de instituição formadora de médicos, séria, modesta nas posses e recursos, mas plenamente competente em realizar sua finalidade de formar, mais que informar, os profissionais médicos que nossa população necessitava.

A gestão da Faculdade contou com os seguintes diretores: professores Osvaldo Luiz Cardoso de Melo (1967-68); Ewerton Paes da Cunha (1968-73); Décio Lobo de Azevedo (1973-76); Luiz Carlos Mendonça da Silva (1976-85); Luiz Augusto Nunes Teixeira (1985-86); Osvaldo da Costa Cardoso de Melo (1986-93); Jair Araújo Junior (1993-2005); Nélio Artiles Freitas (2005 até os dias de hoje). Cada um destes abnegados gestores acadêmicos, que não abandonaram em nenhum momento suas atividades docentes, representou, por suas características próprias, um tipo de gestão.

Dois ciclos podem ser identificados. Nos primeiros 25 anos, os diretores foram fundadores dessa escola ou conviveram de forma próxima com seu processo de criação. A competência com que operacionalizaram cada passo do planejamento, execução e avaliação de suas atividades deixou marcas profundas em nossa identidade. Era absolutamente necessário que a evidente ascendência técnica e moral que tinham sobre toda a comunidade acadêmica fosse utilizada para realizar os objetivos dessa mesma comunidade.

Os anos seguintes foram assumidos por dois ex-alunos que buscam a participação direta de todos os atores da comunidade acadêmica nas etapas da gestão referidas no ciclo anterior, acrescidas da pactuação coletiva em torno da solução dos problemas de interesse comum. Inaugurava-se em 1993 o processo de gestão participativa, que, iniciado pela identificação dos atores institucionais – gestores, docentes, discentes e funcionários técnico-administrativos –, evoluiu pela elaboração de um orçamento em que todos analisavam as propostas e suas justificativas, e elegiam suas prioridades, chegando a receber a seguinte referência feita por Gallo, no relatório 99/00 do Projeto Cinaem III Fase:

*Redirecionamento de recursos pela modificação da gestão. Estas experiências não são exatamente de aproveitamento de oportunidades do ambiente externo, mas*

*particularmente de otimização das possibilidades inerentes à natureza privada das escolas, caracterizadas pela captação de recursos das mensalidades e da prestação de serviços. O paradigma é o Orçamento Participativo, implantado em Campos (RJ), que propicia a inversão da lógica tradicional de relação orçamentário-financeira, com conseqüente redefinição do investimento de acordo com prioridades pactuadas entre os distintos Atores.*

Fortaleceram-se as representações da Associação dos Docentes de Medicina de Campos (Adomec), da Associação dos Funcionários da Faculdade de Medicina de Campos (Afamec) e do Diretório Acadêmico Luiz Sobral (Dals), com a garantia de voz e voto em todas as instâncias e fóruns internos. A institucionalização deste e de outros avanços na gestão foi regulamentada pela reforma do Regimento, realizada em 1999, que criou as seguintes instâncias de decisão e participação: Conselho Supremo: assembléia final e Departamental: deliberativo em questões didáticas e científicas; Comissão de Seleção de Alunos: presidida pelo coordenador de graduação, com três membros docentes e um discente, coordena e aperfeiçoa o sistema de admissão, além de analisar os processos de solicitação de transferências; Comissão de Assistência ao Estudante: presidida pelo vice-diretor, com seis membros docentes, seis discentes e um assistente social, seleciona os candidatos carentes a bolsas e demais programas assistenciais ou de financiamento da mantenedora; Comissão de Pesquisa: presidida pelo coordenador de Pesquisa, com cinco membros docentes, um discente representando o Dals e um discente representando a Supem, tem por finalidade estimular a realização de projetos de pesquisa a serem executados por membros do corpo docente e/ou discente, procurando fornecer apoio e subsídios para sua realização, ouvindo o Comitê de Ética em Pesquisa e/ou a Comissão de Ética no uso de animais; Comissão de Planejamento e Orçamento: presidida pelo diretor, com três membros docentes, um representante da Adomec, um representante do Dals e um representante da Afamec, elabora a proposta orçamentária anual e acompanha mensalmente sua execução a partir das formulações oriundas dos setores, disciplinas e departamentos; Comissão Pedagógica: presidida pelo coordenador pedagógico e de Cultura, contando com os representantes da Adomec, do Dals, da Afamec, além do coordenador de Graduação e da

Assessoria Pedagógica, desempenha importante papel no apoio e planejamento das atividades pedagógicas da escola, contando com a participação, sempre que necessária, dos chefes dos Departamentos. As Coordenações foram também redefinidas da seguinte forma: Coordenações de Graduação, Pós-Graduação e Extensão, Pesquisa, Pedagógica e de Cultura.

A regulamentação, por si só, não garante o exercício pleno da gestão participativa. É necessário perseverança e permanente incentivo para que todos os atores se sintam verdadeiros autores da política e da gestão institucionais, sem intervir, logicamente, nas responsabilidades executivas dos gestores eleitos. O processo eleitoral conta com uma etapa fundamental de consulta à comunidade, que, pelo voto, com pesos proporcionais, como preceitua a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, indica, em chapa vinculada, o diretor e o vice-diretor para o quadriênio, sendo permitida a recondução. Este processo induz os que se dedicam à gestão da escola a desenvolver projetos de gestão e a defendê-los perante a comunidade, que se encarregará de zelar permanentemente para que sua realização seja satisfatória.

A compreensão de qualquer processo, principalmente de gestão, necessita de tempo de observação e convivência com quem o exercita ou vive sob a sua influência. Neste sentido, a Faculdade de Medicina de Campos encontra-se em permanente inquietação e busca de aperfeiçoamento, e, após nove anos, está iniciando uma nova revisão de seu Regimento, para, assim, manter contemporâneas regras e práticas.

## DOCENTES, DISCENTES E FUNCIONÁRIOS TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS

A adoção da gestão participativa no segundo ciclo de gestão (1993- 2008) como matriz para a implementação das políticas educacionais, organizacionais e de autoconhecimento não significa uma visão reducionista do imenso valor que a gestão desenvolvida no ciclo sob a responsabilidade de nossos fundadores (1967-93) representou na criação e consolidação de nossos corpos docente, discente e técnico-administrativo. Significa, entre outras, a evidência sistematizada e metodológica de que sempre foram estes três atores os mais importantes pilares na realidade concreta de nossa existência e desenvolvimento. A abordagem que faremos do perfil de

cada um deles significa reconhecimento à singularidade de suas histórias e missões, confluentes para o avanço constante dessa escola médica.

### Docentes

Inicialmente, o corpo docente foi constituído com o convite e aceitação, comprometida com a nossa proposta, de profissionais de considerável reputação no meio da educação e assistência médicas de nosso Estado. Um bom exemplo pode identificar, entre os nomes já citados, os nossos titulares iniciais. A observação retrospectiva deste grupo precursor nos permite, hoje, identificar três tipos de predicados, definidores de subgrupos, tornados pilares estruturais permanentes do nosso corpo docente, criados espontaneamente:

- a) Professores em sua maioria titulares da UFRJ e UFF, lideranças de escola acadêmica, principalmente na área básica, de experiência e largo conceito conquistado junto à educação médica brasileira e que, além de organizar suas disciplinas e Departamentos, ministrar semanalmente magníficas aulas e estimular com seu exemplo, se preocuparam em capacitar para sua sucessão os próprios ex-alunos, que aqui se radicariam. Alguns exemplos: Anatomia: Rogério Benevento; Maurício Moscovici; Bruno Alípio Lobo; George Bittencourt Doyle Maya; Lafayette Rodrigues Pereira; José Rodrigues Coura; Lauro Sollero; José Otílio Leite Machado; Osvaldo Serra; Norton de Figueiredo;
- b) Jovens professores, médicos de intenso e conceituado exercício assistencial que se dedicaram à nossa escola, desenvolvendo um modelo de ensino profissional, baseado nas reais necessidades de saúde e excelência da prática assistencial. Alguns exemplos: Yussef Bedram; Edino Jurado da Silva; Guilherme Eurico Bastos da Cunha; Hervé Linhares Machado;
- c) Jovens, competentes e inquietos professores, dispostos a enfrentar o desafio de sustentar o dia-a-dia do nosso modelo pedagógico, sempre buscando rediscuti-lo e provocar as inevitáveis mudanças. Alguns exemplos: Renato Moretto; José Maria Pinto Barcellos; Honor Sobral; Nértion Pinto Fernandes Távora; Osvaldo Luiz Cardoso de Melo; Osvaldo da Costa Cardoso de Melo; Jean

Claude Nahoum; Paulo Belfort Aguiar; Luiz Carlos Mendonça da Silva; Everton Paes da Cunha; Décio Lobo de Azevedo, Luiz Augusto Nunes Teixeira.

Importante marco na organização e identidade como ator social dos docentes foi a fundação, em outubro de 1983, da Associação dos Docentes da Faculdade de Medicina de Campos. Entidade independente, mas sem corporativismo radical, representativa do desejo associativo dos docentes, promove, em 25 anos de existência, uma constante luta pelo aperfeiçoamento cultural e funcional dos nossos professores, participando, de forma ativa e propositiva, de todos os fóruns institucionais, buscando soluções para os problemas específicos da categoria, confluentes com as necessidades desta escola médica. Foi marco em sua trajetória o profundo estudo sobre a carreira docente, promovido em 1991, que culminou com a Proposta de Criação de um Plano de Cargos, Carreiras e Salários, base para o nosso atual PCCS, implantado a partir de 1995. Esse Plano significou a concretização de uma real política de valorização do corpo docente, que apresenta as seguintes diretrizes:

- Admissão e promoção a titular somente por concurso de provas e títulos. Mantém-se assim a democratização no acesso e a necessária mescla entre docentes ex-alunos e os vindos de fora, que assumem aqui novos desafios e compromissos. Alguns exemplos são os professores Fernando Manoel Paes Leme; Aldo Franklin F. Reis; Paulo de Assis Melo; Eliane Gomes de Almeida; Tânia Tano; Ana Maria Mendonça; Regina Célia Fernandes; Valdebrando Lemos; Jorge Sabaneff; Sílvia Regina de Souza Moraes; Marlana Ribeiro Monteiro; Andréya Moreira Machado; Consuelo Chicralla Martins;
- Valorização diferenciada em horas de desempenho no ensino, na extensão, na pesquisa e na administração, além da titulação, escalonada nos seguintes níveis, valorados segundo múltiplos da referência mínima de instrutor: titular – 3,7 vezes; auxiliar V (doutorado ou livre-docência) – 3,1 vezes; auxiliar IV (mestrado com cinco anos de efetivo exercício como mestre) – 2,8 vezes; auxiliar III (mestrado) – 2,2 vezes; auxiliar II (especialista com no mínimo 180 horas-aula de domínios conexos à didática necessária à Educação médica) – 1,9

vezes; auxiliar I (graduado com pós-graduação em Educação) – 1,3 vezes; instrutor ou ingressante (graduado) – 1 vez.

## RESULTADOS

Em 1994, contávamos com 121 docentes, dos quais 60% moravam em Campos, com vínculos distribuídos em níveis de titular, assistente e auxiliar, com carga horária padronizada em 20 horas semanais cumpridas de forma heterogênea. A titulação era de 21% com *stricto sensu*, 70% de especialistas e 10% de graduados, sendo 9% do total pós-graduados em Educação ou mais de 180 horas-aula de domínios conexos necessários à Educação médica.

Em 2008, contamos com 127 docentes com uma carga horária média de efetivo desempenho de 14,2 horas, dos quais 84% moram em Campos, com vínculos efetivos no PCCS, distribuídos pelos 7 níveis: 22 titulares com média de 15,1 horas; 12 auxiliares V com média de 9,5 horas; 11 auxiliares IV com média de 14,7 horas; 21 auxiliares III com média de 14,7 horas; 50 auxiliares II com média de 15,6 horas; 1 auxiliar I com 5 horas; e 10 instrutores com média de 9,6 horas. A titulação é de 41% com *stricto sensu* e 59% de especialistas, sendo 40%, desse total de pós-graduados em Educação ou mais de 180 horas-aula de domínios conexos necessários à Educação médica.

Desta forma, contamos hoje com um corpo docente qualificado, motivado ideologicamente pela educação médica de qualidade e que, coerentemente com nossos marcos históricos, é liderado pelos seguintes titulares efetivos: Anatomia: Jair Araujo Junior; Biologia e histologia: Annelise M. de Oliveira Wilken de Abreu; Fisiologia e farmacologia: Miguel de Lemos Neto; Medicina legal e deontologia: Fernando Carvalho Vasconcelos; Pediatria: Renato Alves Moretto; Ginecologia: Dib Abdalla Chacur; Obstetrícia: Aldo Franklin F. Reis; Saúde coletiva I: César Ronald Pereira; Saúde coletiva II: Erick Schunk; Microbiologia e imunologia: Nerton P. Távora; Parasitologia: José Otílio Machado; Clínica médica: Geraldo Augusto P. Vemâncio; Semiologia: Edino Jurado da Silva; Doenças infecciosas e parasitárias: Nélio Artiles Freitas; Dermatologia: João Luiz Matos de Almeida; Psiquiatria e saúde mental: Maurício Lobo Escocard; Traumatologia-ortopedia: João Peralva Bousquet; Urologia: Rubem Andrade Arruda; Cirurgia: Fernando Manoel Paes Leme; Oftalmologia:

Oswaldo da Costa Cardoso de Melo; Otorrinolaringologia: Magid Abud.

A docência foi uma das variáveis de maior impacto na qualidade da educação médica, sendo a sua profissionalização meta a ser buscada, estabelecida coletivamente ao término dos dez anos do processo de avaliação transformadora desenvolvido pela Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico (Cinaem) (1991-2000). Valorizar a titulação e o desempenho é uma ação estratégica na busca deste ideal. A valorização oficial dessas iniciativas é reforço fundamental ainda não exercido pelo Sinaes, que continua pontuando, com maior ênfase, indicadores isolados e não os aspectos sistêmicos e seus impactos na singular realidade das instituições onde realmente acontecem.

## Discentes

A boa formação profissional dos alunos de uma escola é o principal objetivo de toda instituição responsável e comprometida com sua missão educadora. Não basta, no entanto, uma boa infra-estrutura física, de pessoas e de recursos pedagógicos. Ao aluno cabe a principal tarefa: aprender, em suas singularidades pessoais, incorporando cognição, habilidades e atitudes, necessárias ao bom desempenho profissional.

A Faculdade de Medicina de Campos, ao ser criada em 1967, projetou atender a uma demanda regional por formação de médicos. Havia baixa disponibilidade de novos profissionais para substituir aqueles que encerravam suas atividades, associada à evasão de nossos jovens, que buscavam nos grandes centros a sua formação médica. Nesses centros, eles se radicavam e, na maioria dos casos, desenvolviam sua vida profissional pós-graduada. Esta realidade fez com que se projetasse, inicialmente, uma escola com turmas anuais de 64 alunos, preparando-se toda a infra-estrutura de laboratórios para uma capacidade de utilização de 32 alunos em cada turno de prática.

Nem sempre o que se planeja encontra ressonância nas demandas sociais futuras. A existência de um contingente expressivo de candidatos aprovados em vestibular para universidades públicas, mas não admitidos devido à escassez de vagas nestes cursos, criou a figura do excedente. Esta realidade encontrou ressonância política, sendo deflagrado um movimento de incentivo oficial à

abertura de novos cursos privados e à ampliação significativamente alta das vagas dos cursos públicos. Os reflexos em nosso cuidadoso e cauteloso projeto foram imediatos, sendo “sutilmente imposto” um acréscimo de um módulo de 32 alunos, ficando nossas turmas com 96 alunos, associando-se uma antecipação no cronograma para a autorização de funcionamento do curso. Passamos também a contar com alunos vindos de outros Estados, alguns bastante longínquos e de realidades socioculturais diversas da nossa.

O que poderia hoje parecer um equívoco histórico tornou-se um importante propulsor do desenvolvimento cultural de nossa região, aliado a uma qualidade sólida, conquistada com seriedade e aplicação permanentes da comunidade acadêmica, do sistema de saúde local e de toda a comunidade campista.

Diante do novo contexto vivenciado nos anos 1990, decorrente da proliferação nacional, excessiva e descontrolada dos cursos médicos, assumimos um novo desafio, preocupados com a busca permanente de aperfeiçoamento da qualidade: reduzir em 20%, inicialmente, o número de alunos por turma, com o objetivo de, a médio prazo, retornar ao projeto inicial de 64 alunos, melhorando a relação professor/aluno. Detínhamos, àquela época, a aparentemente meritória posição de curso com as anuidades mais baratas do nosso Estado. Isso acarretava uma impossibilidade de investimentos em nosso corpo docente e infra-estrutura física que os novos tempos impunham. Resolveu-se, então, a partir de 1995, reduzir o ingresso para 80 alunos, a fim de progressivamente alcançarmos, em 2000, a plenitude de nossas turmas com esse número de alunos.

Apesar de bem planejada, pedagógica e economicamente, e de ter possibilitado, mediante pactuação com os alunos, a implantação do PCCS para os docentes, esta mudança encontrou resistência interna e, por incrível que pareça, junto ao MEC, que desconfiava de que alguma intenção subjacente estivesse por trás desta iniciativa. O tempo encarregou-se de mostrar o acerto da medida, e o único reconhecimento público foi uma moção de aplauso estabelecida no Congresso da Abem em 1995. Repete-se, assim, a falta de reforço positivo que os processos oficiais de avaliação oferecem às iniciativas inovadoras e coerentes com o bom senso.

Nova revisão do nosso número de alunos ocorreu a partir de 2006. A necessidade de sustentação econômica

de um importante projeto de busca de equilíbrio entre os recursos necessários para a manutenção da qualidade e a capacidade de os alunos arcarem com um razoável valor das anuidades fez com que, em 2007, fosse fixado em 90 o número de alunos por turma e em 2008 retomados os 96 alunos, conforme nossa autorização e reconhecimento estabelecem. Contamos hoje, portanto, com um total de 561 alunos, distribuídos pelas seis séries.

A caracterização dos nossos alunos não se prende apenas ao número de vagas. Alguns importantes papéis são desempenhados, significando uma formação cidadã, que deve acompanhar a profissional. São eles:

- o Diretório Acadêmico Luiz Sobral (Dals), que representa nossos alunos desde 1967, com uma intensa atividade cultural, política e esportiva;
- a Sociedade Universitária de Pesquisa Médica (Supem), criada em 1970, é gerida por estudantes, tendo incentivado por meio de inúmeros cursos, jornadas e congressos a pesquisa e a discussão pública de seus resultados. Assumiu atualmente a criação das ligas acadêmicas.

A política de apoio aos alunos é bem representada pelos seguintes exemplos:

- a) Apoio biopsicossocial – Os fatores biopsicossociais influenciam a formação profissional. Desenvolvemos o programa Serviço de Apoio aos Estudantes (SAE), estruturado com médico clínico, médico psiquiatra, psicólogos, pedagoga e assistente social. Ligado diretamente à Coordenação Pedagógica, o SAE faz acompanhamento preventivo de todos os alunos durante o curso de graduação. Busca identificar fatores de risco, individuais e coletivos, orientando e encaminhando a profissionais especializados, para uma solução;
- b) Programa de bolsas de estudo – A carência econômica que os alunos e suas famílias enfrentam prejudica o desempenho do estudante, exigindo da IES a busca de soluções que minimizem seu impacto negativo. São oferecidas bolsas de estudo aos alunos, que se candidatam anualmente e se submetem a uma seleção que leva em conta a necessidade socioeconômica, classificando e beneficiando segundo os recursos disponíveis. Este processo é

realizado inicialmente pelo Serviço Social da Fundação, que promove a inscrição, preenchimento da ficha socioeconômica pelo candidato, classificação segundo planilha predefinida pela Comissão de Assistência ao Estudante, além de realizar visitas aos candidatos para constatar as reais condições de vida. A Comissão de Assistência ao Estudante, formada por seis docentes e seis discentes, com o apoio do Serviço Social, analisa os resultados da primeira etapa e classifica os candidatos, atribuindo os percentuais e origem dos recursos às bolsas, que têm duração de um ano, renovável. Outras fontes de bolsas, como monitoria e externas – prefeituras municipais e Fies –, são facilitadas.

Assim são os nossos alunos. Cada vez mais jovens e, como todos, com uma imensa motivação inicial para ajudar o próximo. Cabe à sociedade e a nós, órgão formador, incentivar, atribuindo reconhecimento meritório e profissional a esta qualidade geralmente ignorada.

### **Funcionários técnico-administrativos**

As pessoas que trabalham nos setores técnicos e administrativos da Faculdade de Medicina de Campos têm em comum a dedicação exclusiva, aliada a grande zelo pela escola, como se a sua casa fosse. O fato de vários estarem na Fundação Benedito Pereira Nunes desde a sua criação os fez desenvolver um espírito de cuidado responsável, que vem sendo assimilado por todos os que, novos, aqui são admitidos. Esses funcionários, pessoas simples alçadas à condição de eméritos, são os seguintes: Antônio Francisco Reis, Elísio da Silva Souto, Hamilton Monteiro Braga, Izaltina Claudino de Oliveira, Joselita de Sousa Paes, José Sebastião dos Santos, Paulo Pessanha da Silva, professora Ruth Maria Chagas de Oliveira Martins e Noeuci Gomes das Chagas. Evidência marcante da identidade desse valoroso corpo funcional foi sua evolução como ator social, com a criação, em outubro de 1997, da Associação dos Funcionários da Faculdade de Medicina de Campos (Afamec), que desenvolve produtivas atividades políticas, sociais e culturais.

Um dos fatos mais marcantes da sua trajetória foi a construção, juntamente com o Departamento de Pessoal, do Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS), específico para a categoria. Implantado em 1999, valorizou

e organizou a carreira com a hierarquização de cargos e salários segundo minuciosa descrição das missões e funções específicas, nos seguintes cargos: a) supervisor (4 níveis); b) encarregado (5 níveis); c) assistente (4 níveis); d) auxiliar (3 níveis). O apoio à qualificação de servidores técnico-administrativos é estabelecido por uma valorização, atribuída periodicamente, aos funcionários que se capacitarem e/ou se atualizarem em suas áreas de atuação. Oferecemos também cursos de capacitação e atualização, premiação do funcionário destaque do mês, bolsas parciais para frequência aos cursos de pós-graduação e cursos de capacitação de curta duração, desenvolvidos em parceria com a Afamec.

A organização dos setores obedece ao seguinte formato, com suas ramificações: a) Administração geral: ligada diretamente à Direção, cuida do planejamento, execução e avaliação das áreas financeira, de infra-estrutura e manutenção; b) Apoio ao Estudante: Centro de Apoio Pedagógico (CAP) e Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), ligados diretamente à Coordenação Pedagógica, exercida pela vice-direção; c) Secretaria Executiva: cuida do fluxo de funcionamento e das ações emanadas diretamente do Conselho Diretor; d) Secretaria Acadêmica: ligada diretamente à Coordenação de Graduação, registra e valida toda a organização das atividades da graduação; e) Secretaria da Pós-Graduação e Pesquisa: ligada às Coordenações de Pós-Graduação e Pesquisa, apóia os cursos e demais atividades que lhe são afeitas; f) Laboratórios: contam com corpo técnico específico, ligado diretamente às disciplinas a que são afeitos.

A confluência para os Departamentos, de responsabilidade geral da Fundação, como Administração, Jurídico, Tesouraria, Patrimônio, Gestão de Pessoas e Contabilidade, garante o aspecto sistêmico da gestão.

## INFRA-ESTRUTURA

A Faculdade de Medicina conta, em sua sede, com:

- salas do Conselho Diretor, dos professores, das Secretarias Executiva, Acadêmica, de Pós-Graduação, de Internato;
- salas da Recepção, Administração, Tesouraria, Departamento de Pessoal, Serviço de Apoio ao Educando, Centro de Apoio Pedagógico, Telefonia, Arquivos, Manutenção e Obras;
- Diretório Acadêmico, Supem, Adomec e Afamec;

- auditórios: 1 com capacidade para 300 pessoas; 5 com capacidade para 100 pessoas; 2 com capacidade para 80 pessoas; e 4 com capacidade média para 60 pessoas. Espaços de convivência, cantina, estacionamento e sanitários. Acessibilidade garantida por elevador e rampas;
- laboratórios: Anatomia, Histobiologia com Patologia, Microbiologia-Imunologia com Parasitologia, Fisiologia com Farmacologia, Bioquímica com Biofísica, Cirurgia Experimental e Informática;
- informatização de todos os setores, com 103 computadores em rede interna, sendo 91 com acesso à internet;
- biblioteca: (a) Acervo: livros impressos, 2.550 títulos e 7.039 exemplares e assinaturas eletrônicas, 51 títulos; periódicos impressos, 241 correntes, sendo 217 nacionais e 26 estrangeiros e assinatura eletrônica de 87 títulos; 64 monografias; 333 teses e dissertações; 109 folhetos; 291 vídeos; base de dados com mais de 80 títulos de periódicos *full text*; (b) Política de atualização e expansão do acervo: aquisição, permuta e doação que atendam aos programas dos cursos oferecidos pela instituição, em consonância com seu projeto pedagógico, considerados os padrões de qualidade e quantidade estabelecidos pelo MEC/Inep. A aquisição é feita segundo proposta orçamentária elaborada no ano anterior, com base nas propostas emanadas das disciplinas e solicitações dos alunos; (c) Informatização: a base de automação do acervo é feita com o *software* Pergamun – Sistema integrado de Bibliotecas. A consulta ao acervo pode ser feita nos terminais existentes no local e *on-line*; (d) Salas para leitura e pesquisa: sala multimídia com 9 computadores e 20 assentos; 13 cabines individuais; 25 mesas individuais; 2 cabines de estudo em grupo com 2 mesas e 12 assentos; sala de estudos com 12 mesas com 6 lugares cada; (e) Ambiente climatizado, sinalizado, seguro contra incêndios, esterilizador de ar e antimoho, e iluminação fluorescente.

Contamos com ampla rede hierarquizada de Serviços de Saúde, nos diferentes níveis, a saber:

- **Centro de Saúde Escola de Custodópolis:** sede do Projeto Bairro Saudável, conta com várias

instituições de ensino superior que reúnem o ensino e a pesquisa de Campos, em busca da melhoria da qualidade de vida da comunidade. Integrado ao Programa de Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde (SUS), funciona como referência secundária em saúde mental, saúde do idoso, dermatologia sanitária, ginecologia e outros;

- **Hospital Escola Álvaro Alvim (certificado como hospital de ensino pelo MEC/MS):** 124 leitos; cinco salas de cirurgia; unidade de terapia intensiva com 10 leitos; serviços de clínicas médica, cirúrgica, pediátrica; setores de radiologia, análises clínicas, anatomia patológica, hemodinâmica e cirurgia cardíaca, neurocirurgia, oftalmologia, oncologia clínica e cirúrgica, entre outros. **Hospital dos Plantadores de Cana:** 207 leitos; dois centros cirúrgicos; serviços de obstetria de alto risco; pediatria, perinatologia, cirurgia, ginecologia e clínica médica e especialidades;
- **Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campos:** 198 leitos; nove salas de cirurgia; unidade de terapia intensiva; serviços de clínicas médica, cirúrgica, ginecológica, obstétrica de baixo risco; UTI neonatal; endoscopia digestiva; tomografia computadorizada; ultra-sonografia; histeroscopia; medicina hiperbárica; ortopedia; outras especialidades;
- **Hospital Ferreira Machado:** 170 leitos, 6 salas de cirurgia, 8 leitos de neurocirurgia; 2 unidades de terapia intensiva, hemocentro regional, referência nível 3 do Ministério da Saúde para urgência e emergência; clínica cirúrgica; pediatria; doenças infecciosas e parasitárias; traumatologia-ortopedia; outras especialidades;
- **Santa Casa de Misericórdia de Campos:** 518 leitos (SUS, particular e convênios); 7 salas de cirurgia; 30 leitos na UTI; clínica obstétrica e pediátrica; clínica médica; clínica cirúrgica; hemodinâmica; cirurgia cardíaca; fisioterapia; endoscopia digestiva; tomografia computadorizada; outras especialidades.

A permanente parceria com a comunidade médica de Campos, por intermédio de suas associações, sempre permitiu avanços que não existiriam no isolamento a que estamos acostumados. Um dos exemplos mais eloquentes foi a construção, em conjunto com a Sociedade

Brasileira de Clínica Médica, de um Centro de Educação para a Saúde, com auditório de 300 lugares, e a expansão em um terço da biblioteca e da sede permanente da referida sociedade, que, sob a liderança do dr. Luiz José de Souza, vem desenvolvendo significativa e qualificada produção científica, com a participação e iniciação científica obrigatória de nossos alunos.

Formar nossos alunos na realidade do SUS só é possível com uma grande integração de projetos e ideais com os gestores municipais, estaduais e federais. Temos conseguido enfrentar este desafio com a determinação que a nossa história nos impõe, aliada à permanente disposição para o diálogo e dentro do possível desenvolvimento de projetos conjuntos, abrindo as portas do SUS para uma importante via de mão dupla em benefício da saúde da população.

## MODELO PEDAGÓGICO

“Formar o médico geral, com ampla concepção biológico-social de saúde e enfermidades, orientando-o na prática dos princípios éticos e humanitários” – assim o primeiro Regimento da Faculdade de Medicina de Campos traçou seus destinos em 1967. Ampliou-se em 1999 para “Formar médicos e outros profissionais de nível superior, da área da Saúde, preservando, elaborando e transmitindo os conhecimentos necessários ao exercício e desenvolvimento profissional, com ampla concepção biológico-social de saúde e enfermidades, orientando-os na prática de princípios científicos, éticos e humanitários”, persistindo até hoje. Cumprir esses objetivos e atender às Diretrizes Curriculares citadas no início deste trabalho é o que consubstancia finalmente a real educação médica em nossa Faculdade.

O modelo inicialmente implantado, hegemônico nacional e internacionalmente – biológico, cartesiano, com disciplinas divididas em ciclos básico e profissional, centrado no hospital – e coerente com o paradigma de qualidade vigente, logo começou a sofrer, nos anos 1970, as influências das possibilidades locais de desenvolvermos integração docente-assistencial e verticalização, com o ensino em ambulatórios rurais. Outra inovação foi o ensino de habilidades em manequins e modelos artificiais, com simulações de atos cirúrgicos simples, além de teatralizações como cenário para a discussão de atitudes. Praticávamos e aprendíamos todos, alunos e professo-

res, o desenvolvimento de competências médicas para a formação de profissionais e cidadãos. Durante 30 anos, esse modelo vigorou, criando uma identidade pedagógica sólida, mescla do ensino tradicional de qualidade com experiências inovadoras.

Os anos 1990 trouxeram para a educação médica nacional a necessidade de corrigir a intuída e preconceituosa concepção coletiva de que a formação deficiente dos nossos médicos era produto das “escolas privadas ruins”, decorrentes da “proliferação desordenada dos anos 1960”. Logo surgiu uma proposta de estabelecer o Exame de Ordem em medicina, com toda a carga punitiva sobre o recém-formado, sem atacar de fato as causas da má formação, mas, sim, delimitando um mercado que depende fundamentalmente de qualidade na formação e postura ética, humanística e responsável para um bom exercício profissional, com fiscalização dos Conselhos não somente sobre esse exercício como sobre as condições de trabalho. Surgiu então a Cinaem, que em três fases, com duração de dez anos, não somente diagnosticou, com forte embasamento científico, a deficiência geral – pública e privada – em formar médicos adequados às necessidades de saúde da população, como estabeleceu um novo paradigma para a formação médica – holístico, centrado na comunidade e biopsicossocial.

A participação ativa de gestores, professores e alunos da Faculdade de Campos nesse processo de construção coletiva e as bases estruturantes da nossa história, da gestão participativa e do incremento pedagógico e profissional da carreira docente e técnico-administrativa deflagraram um movimento de transformação do nosso modelo, no início dos anos 2000, em direção ao novo paradigma, oficialmente assumido pelas Diretrizes Curriculares. Trinta e nove oficinas, 12 reuniões dos Departamentos, 17 reuniões da Comissão Pedagógica, 3 Plenárias e 3 Reuniões do Conselho Departamental, seguidas por 2 do Conselho Superior, com a participação de 155 pessoas (docentes, discentes, funcionários, gestores e representantes da comunidade), foram necessárias para estabelecer as Bases para a Atualização Curricular na Faculdade de Medicina de Campos, produzindo os seguintes princípios fundamentais:

- 1) Médicos humanistas, que exerçam a medicina com visão e compromisso social, formação biopsicossocial e aptos à busca da educação continuada;

- 2) Pacto ético de todos, visando ao compromisso assumido com as Bases da Atualização Curricular;
- 3) Atualizações de estrutura (grade) curricular devem ser coerentes com as Bases da Atualização Curricular, dinâmicas e gradativas, integrando pessoas e conteúdos;
- 4) Definição de que disciplinas são locais em que grupos de pessoas adquirem e aprofundam conhecimentos em uma ou mais áreas específicas do conhecimento e habilidades. E que local ou espaço curricular é onde acontece o processo de ensino e aprendizagem, na estrutura (grade) curricular, preferencialmente de forma interdisciplinar. Cursos ou disciplinas com conteúdos optativos são necessários e desejáveis;
- 5) Participação de todos – alunos, professores e funcionários – como sujeitos na construção, execução e avaliação curricular e no cuidado com a comunidade;
- 6) Promoção da incorporação crítica, por todos, de habilidades e atitudes, principalmente ético-profissionais;
- 7) Interdisciplinaridade, integrando efetivamente conteúdos, habilidades, atitudes e principalmente pessoas;
- 8) Preparo de todos os sujeitos, visando à inserção precoce dos alunos em práticas comunitárias promotoras de saúde;
- 9) Avaliação interna e externa (Cinaem, MEC, etc.) como processo mediador de transformações que visem à melhoria da qualidade;
- 10) Valorização dos processos de formação discente – atual e futura – e de gestão participativa, assim como das carreiras docente e técnico-administrativa.

Os fundamentos da ética e humanismo serviriam de pano de fundo para o seguinte desenho curricular: a) Internato em dois anos, realizado nas cinco áreas (Ginecologia/Obstetrícia; Pediatria; Cirurgia; Saúde coletiva e Clínica médica); b) Disciplinas distribuídas em três áreas de atuação – Fundamentos, Integração e Aplicação; c) Dois períodos semanais de práticas laboratoriais compartilhados pelas disciplinas de Fundamentos; c) Três eixos integradores a serem desenvolvidos ao longo das quatro séries – Instrumentalização para o Exercício Pro-

fissional (IEP), Recursos Tecnológicos de Diagnósticos (RTD) e Formação Humanística e Biopsicossocial Aplicada à Saúde (FHBS); d) Cursos optativos.

Assim foi feito e a partir de 2002 foi implantado o novo modelo. Um permanente processo de avaliação interna e externa foi exercido, e começaram a surgir precocemente as resistências, fruto da insegurança de muitos docentes que não participaram ou manifestaram sua contrariedade durante o processo de construção coletiva desse novo modelo, aliada à transitoriedade e ao imediatismo de alunos que se mantinham impregnados de preconceitos contra o novo.

Em agosto de 2005, foram estabelecidas as seguintes diretrizes orientadoras e um processo de adequação curricular: a) Tornar as necessidades de saúde o fator e exposição; b) Racionalização de conteúdos; c) Racionalização da carga horária teórica e prática; d) Integração das ciências básicas e profissionalizantes; e) Possibilidade de módulos optativos; f) Estímulo à pesquisa; g) Racionalização das avaliações; h) Aumento das unidades básicas.

Em outubro de 2005, foi realizado o I Seminário sobre Transformação do Ensino na Faculdade de Medicina de Campos. Nesse evento, apesar de aprovado um novo modelo pedagógico, ocorreu, de concreto, um ajuste no currículo que suprimiu os eixos integrados e ampliou a carga horária de algumas disciplinas. “Retroceder um passo para podermos avançar com mais segurança”. Esta foi a lógica aprovada pela maioria dos responsáveis participantes desse seminário. Sábia porque fruto de decisão coletiva. Talvez prematura antes da avaliação plena do desenho anterior. Nunca saberemos. Apenas conseguimos comprovar, pela avaliação do Enade de 2007, que os alunos da única turma que cursou de forma plena aquele currículo tiveram um desempenho plenamente satisfatório e coerente com a nossa *performance* histórica em outras avaliações semelhantes.

Hoje continuamos a buscar humanização, integração, otimização dos conteúdos e revisão de nossos processos de avaliação dos alunos. O cinema e o teatro são ferramentas para humanizar, por meio do lúdico. Contamos também com um permanente e eficiente sistema de ava-

liação interna que, ao ouvir as satisfações quantitativas e qualitativas de todos os docentes, discentes e funcionários, estabelece, nos diferentes fóruns, as bases para as permanentes e necessárias mudanças e ajustes que o aperfeiçoamento contemporâneo e a nossa história exigem.

## CONCLUSÃO

Educação médica na Faculdade de Campos! Desafio imposto por gentil convite da Abem, aceito com satisfação, mas cumprido com muitas dúvidas entre obedecer à fidelidade histórica ou à subjetividade apaixonada que tenho pela escola que me formou, onde desenvolvo minha vida profissional docente e exercito a prazerosa missão de tentar contribuir para o seu desenvolvimento.

Ao tentar trilhar a fidelidade, desviei-me para a subjetividade. Deixo a quem ousar ler este ensaio a resposta sobre se cumpri ou não o desafio. Minha convicção é de que educação médica não é somente currículo, métodos pedagógicos, docentes, discentes, funcionários, infraestrutura, mas tudo junto, acrescido de compromisso com a competência, a ética e o humanismo, em benefício da saúde da população.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. Moretto R. Atenção de Saúde em Pediatria. 1 ed. Rio de Janeiro: Damada Artes Gráficas e Editora; 1985.
2. Faculdade de Medicina de Campos. Catálogo Institucional 2007/2008.
3. Fundação Benedito Pereira Nunes. Estatutos da Fundação Benedito Pereira Nunes; 1987.
4. Faculdade de Medicina de Campos. [online]. Rio de Janeiro, Brasil; 2008. Disponível em: <http://www.fmc.br>
5. Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico. Preparando a transformação da educação médica brasileira; 1999-2000. Relatório Projeto Cineaem III fase.
6. Faculdade de Medicina de Campos. Regimento da Faculdade de Medicina de Campos; 1999.
7. Revista do Centro de Estudos da Faculdade de Medicina de Campos. 2002 jan./jul.; 4(1/2).
8. Revista dos 40 anos da Faculdade de Medicina de Campos; 2007.
9. Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia. Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia: 80 anos de História (1921-2001). Campos dos Goytacazes: Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia; 2001. 185 p.